

SAUDAÇÃO AO PROFESSOR DOUTOR ANTÔNIO JOSÉ AVELÃS NUNES NA SOLENIDADE DE RECEBIMENTO DO TÍTULO DE PROFESSOR *HONORIS CAUSA* DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA¹

Enoque Feitosa Sobreira Filho
UFPB, João Pessoa, PB, Brasil
enoque.feitosa@ccj.ufpb.br

COLEGAS PROFESSORES E PROFESSORAS,
CAROS ESTUDANTES E FUNCIONÁRIOS,
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Assumi, com muita honra a tarefa que me foi incumbida pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, - do qual tenho orgulho de ser coordenador - de saudar, nesta solenidade acadêmica de conferência do título de *doutor honoris causa* da Universidade Federal da Paraíba, ao eminente Professor Doutor Antônio José Avelãs Nunes, colaborador da nossa pós-graduação desde 2006 e docente homenageado no I Congresso Paraibano de Direito Econômico.

Aceitei a tarefa, ainda que sob receio de não estar à altura do ofício. Diversas razões fundaram esse temor: de um lado, a tradição, que aprendemos a assimilar da combativa cultura paraibana, de não se intimidar diante dos desafios, de outra parte, a responsabilidade de saudar o homenageado, cuja dimensão humana e comprometimento intelectual e social falam por si só.

Ademais, se soma aqui o encargo de representar a afeição que vários dos presentes dedicam ao mesmo - por todos, citamos a Professora Doutora Luiza Alencar Mayer - bem como o respeito que nós, da comunidade científica, nutrimos pela sua pessoa e por sua lúcida obra.

Aqui se reúnem hoje, em torno dessa justa homenagem ao Professor Avelãs Nunes, aqueles que não buscam o caminho fácil do alpinismo acadêmico, aqueles comprometidos com a luta humana por emancipação e que trabalham no presente para construir a poesia do futuro, enfim os que não se vêem, jamais, de fora da história e que, com justa razão, mantêm acesa a chama da esperança de que outro modo de vida é possível.

De Avelãs Nunes muito se pode dizer e o que for dito pouco será pelo tudo que ele representa como intelectual militante, como Mestre e Professor, como cidadão comprometido com os mais nobres ideais da humanidade e como brilhante acadêmico que aproximou ainda mais Brasil e Portugal, através de uma incansável atividade de estímulo à pesquisa e ao intercâmbio científico entre nossos países.

¹ Discurso proferido em sessão realizada no auditório do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB, em 15.09.2011. Título proposto pela Professora Doutora Maria Luiza Mayer Feitosa, vice-diretora do aludido Centro.

Da Universidade Federal da Paraíba recebe, com inteira justiça, a maior das nossas condecorações: para nosso orgulho, lhe é conferido, nesta solenidade, o título de *Doutor Honoris Causa*.

Nosso homenageado foi Vice-reitor da Universidade de Coimbra, exerceu de 1996 a 2000 a Direção da Faculdade de Direito daquela histórica instituição e foi membro, entre os anos de 1974 e 1975, dos primeiros governos de Portugal logo após a Revolução dos Cravos de 25 de abril, que pôs abaixo a sanguinária ditadura salazarista.

Naquele período intenso da vida portuguesa, respondeu pelos encargos de tutela do Ensino Superior e da Investigação Científica, em cargo de Vice-Ministro.

É Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, onde por anos esteve a frente do referenciado Boletim de Ciências Económicas.

O nosso homenageado obteve grau de Doutor com uma tese intitulada “*Industrialização e Desenvolvimento – A Economia Política do modelo brasileiro de desenvolvimento*”, prefaciada, na da Quartier Latin, pelo grande economista e professor Celso Furtado, cuja contribuição à formulação de um modelo de desenvolvimento independente, nacional e popular, ainda hoje serve de referência aos que têm compromisso com o Brasil.

Em Portugal, foi eleito por aclamação e unanimidade, *Embaixador dos estudantes e professores brasileiros* na Universidade de Coimbra, e a ele todos daqui que estudaram em terras lusas, são eternos devedores.

No meio de tantos encargos, o Professor Avelãs, é preciso que se diga, contribuiu, e de forma decisiva, para o estímulo e a manutenção das Jornadas Cainã, unindo juristas brasileiros e portugueses em constantes colóquios de magna substância e oportunidade para as questões constitucionais centrais da contemporaneidade, integrando, também, o respeitável Instituto de Direito Comparado Luso-brasileiro.

Isto é, foi criador, animador e ativista de uma plêiade das melhores e mais nobres causas, tendo sempre e em nome de todas elas, combatido o bom combate.

No Brasil, não apenas recebeu inúmeras homenagens e distinções. Assumiu também encargos e responsabilidades, tendo agregado aos seus afazeres a condição de observador estrangeiro convidado, somando sua imensa experiência aos trabalhos de avaliação trienal dos Programas de Pós-Graduação em Direito, através da CAPES.

De sua vasta produção científica, alunos e professores já vêm haurindo reflexões, a principiar no campo do Direito Privado das sociedades, pela tese “*O Direito de Exclusão de Sócios nas Sociedades Comerciais*”, editada e reeditada em Coimbra pela Almedina, e publicada em São Paulo pela Cultural Paulista em 2001, alcançando as lições constantes da obra *Os Sistemas Econômicos* que formou, também no Brasil, gerações de discípulos e admiradores.

Em 2003, a Editora Renovar publicou, desse professor e mestre nascido em Pinhel do Portugal profundo, a obra “*Neoliberalismo e Direitos Humanos*”, também editada em Portugal pela Editorial Caminho, o equivalente lusitano das nossas melhores e mais comprometidas editoras.

Os advogados brasileiros, a seu turno, têm sido municiados com as reflexões reveladoras de firmeza no pensamento e simultaneamente colossal humanidade, nas diversas conferências nacionais da Ordem dos Advogados do Brasil, para as quais tem sido constantemente convidado.

É para prestar homenagem a esse eminente e combativo professor, que esta Faculdade de Direito, este Centro de Ciências Jurídicas e esta Universidade, pelo seu Programa de Pós-Graduação, abre hoje suas portas para a outorga deste justo e merecido título.

Da ampla contribuição intelectual do homenageado ao direito, vale citar, no Brasil, três obras de maior relevo, quais sejam: *Uma introdução à Economia Política*, pela editora Quartier Latin; *A Constituição Européia – a constitucionalização do neoliberalismo*, na edição conjunta da Revista dos Tribunais e da Coimbra editora, e *Do capitalismo e do socialismo*, pela edição da Fundação Boiteux, da UFSC.

A primeira obra explora, com perceptibilidade ímpar, o parentesco que há entre a política, o patrimônio e a administração da ordem pública, espelhando o princípio da economia política que recebe uma magna introdução do homenageado.

Nela desenvolve suas idéias sob dois grandes marcos: de um lado, os sistemas econômicos à luz da gênese e da evolução do capitalismo; de outra parte, avança sobre a história da Ciência Econômica e do Pensamento Econômico, apontando para as necessárias transformações que apontem para uma ordem social inclusiva, inteiramente oposta ao quadro dantesco que hoje se nos apresenta.

No primeiro bloco, examina o comunismo primitivo, as relações sociais pautadas pelo escravismo, o feudalismo e a transição para o capitalismo, e neste, a travessia do capitalismo de concorrência para o capitalismo monopolista de Estado, o Estado de bem estar social e as formas de transição que superem o atual modo de produção centrado no capital e na alienação, em direção a formas nas quais o ser humano seja erigido a sujeito e não mais objeto das potências da miséria e do egoísmo.

Num segundo bloco, analisa as grandes linhas do pensamento mercantilista, os fisiocratas, bem como clássicos como Adam Smith, Thomas Malthus e David Ricardo, para culminar na exposição da concepção materialista da história, a teoria do valor e a mais-valia em Marx.

Em sua obra “*A Constituição Européia – a constitucionalização do neoliberalismo*”, traduz criticamente o que representa, na União Européia, a *constitucionalização* dirigente do neoliberalismo. Os dias recentes de crise e quebradeira de países mostram – hoje – que o nosso ilustre homenageado estava certo, no essencial, no diagnóstico que lá fizera.

A essa opção ideológica da União Européia não só dedicou agudíssima crítica como também apontou propostas para uma Europa solidária, com emprego para todos, taxa de pobreza inferior a 5%, igualdade de oportunidades e ajuda pública aos povos do Sul superior a 1% do PIB.

Sustentou com acerto que “seria possível construir na Europa uma *sociedade de bem-estar*, uma *sociedade de felicidade pessoal e de coesão social*”, mas para tanto “os trabalhadores europeus não têm que ser condenados, em nome de uma falsa competitividade, à *precariedade*, à *pobreza* e à *exclusão social*”.

A tríade autoral desse gigantesco empreendimento intelectual se completa pela contribuição que se tornou marco histórico no debate da economia política. Trata-se da obra, *Do capitalismo e do socialismo*, a qual expõe a polêmica com Jan Tinbergen, Prêmio Nobel da Economia. Um atualíssimo clássico, que tomou como ponto de partida os comentários feitos pelo ora homenageado, nos anos 70 do século próximo passado, à entrevista concedida em 1969 pelo citado professor Jan Tinbergen.

O professor Avelãs alertava, então, que “a justiça não se conquista à custa de bons sentimentos”, pois “os sistemas contam mais do que o coração dos homens”. Trata-se de um drama que continua sendo o *escândalo do nosso tempo*: o subdesenvolvimento que é alimentado pela política predatória dos monopólios privados e pelo capital especulativo.

Ali critica o *velho mito do mal-chamado socialismo de consumo*, retomando as indicações do que é fundamental *para se acabar a exploração do homem pelo homem*.

Eis aí a preocupação nuclear de nosso ilustre homenageado: *a vida dos homens, sua organização, a satisfação das necessidades materiais e os sistemas das forças produtivas*.

Numa época devastada pela maior crise econômica que a humanidade viveu, desde a bancarrota de 1929, gerada pelas mesmas forças que alimentam a crise atual, esse conjunto de idéias do homenageado avulta em importância.

São temas conexos à produção, ao mercado, aos preços, ao crédito, à moeda, e alcançam o campo da industrialização e do desenvolvimento, pelo enfrentamento da controvérsia entre monetarismo e estruturalismo na América Latina e seus reflexos na soberania e nos bancos centrais nacionais.

É de sua raiz ser fiel às idéias e ao seu tempo, como o fez quando proferiu o discurso por ocasião do doutoramento “Honoris Causa” de Tancredo Neves, então recém presidente eleito do Brasil que apostava numa *República Nova*, democrática, legítima e livre, *ao fim da noite do fascismo que durou 21 anos, no Brasil*.

É, em suma, o que pode dizer, neste momento, em curtíssima síntese, que não faz justiça a grandeza e ao perfil do homenageado.

Para concluir, num momento em que uma colossal crise financeira e de ganância devasta o mundo, não citaremos o pensador que, no século XIX, forneceu o diagnóstico mais completo sobre a tragédia anunciada do domínio do capital, qual seja, Marx, o qual, por isso mesmo, segue sendo cada vez mais atual e necessário.

Preferimos citar um fato histórico, sobre o qual chamou atenção um atento intérprete de nosso tempo e combatente pela soberania nacional²:

Em 1928, ano precedente da grande depressão que pôs à nocaute a economia americana, o dramaturgo alemão Brecht escreveu a peça “A ópera dos três vinténs”, uma adaptação da “Ópera dos mendigos”, do inglês John Gay, escrita duzentos e quatro anos antes.

2 Refiro-me a: TORRES, Sérgio Rubens. In: www.horadopovo.com.br (edição nº 2987, 26.08.2011, p.3), de quem – através da leitura ora citada – tivemos acesso aos dados infra-citados.

Na terceira cena do 3º ato da adaptação feita por Brecht³, um dos integrantes da quadrilha de Mac, *the knife*, (ou simplesmente Mac Navalha, na tradução brasileira da obra) e que havia revelado talento de investir o produto de anos de roubo na aquisição de um banco, mostra aos seus parceiros a vantagem do novo negócio, perguntando: “o que é roubar um banco, comparado a fundá-lo?”.

Oito anos depois, em 1936, num discurso no Madison Square, quando disputava a primeira de três reeleições sucessivas, Franklin Roosevelt, que travava então uma luta de vida ou morte contra os monopólios financeiros que mergulharam os EUA na crise, afirmava: “agora sabemos que o governo do dinheiro organizado é tão ou mais perigoso quanto o governo do crime organizado. Por que as tenho denunciado, essas forças são unânimes em seu ódio contra mim. Eu saúdo esse ódio”⁴.

Ao contrário de Brecht, Roosevelt não era marxista, mas não era cego e percebeu, por isso, a natureza degenerada do sistema financeiro e dos monopólios capitalistas⁵, cujo ideal ético foi sintetizado de forma brutal e precisa por um de seus precursores, o barão de Rothschild, que dizia como seu lema predileto: “quando houver sangue nas ruas, não hesite, invista em propriedades”.

A lucidez de entender o seu tempo, é uma característica das grandes pessoas. O professor Avelãs, nosso homenageado, sempre foi marcado por essa qualidade.

Nesta época presente, devastada por uma crise imensa, mas que ao mesmo tempo aponta saídas, novas forças e novas tarefas, pessoas da estirpe do Professor Antonio Avelãs Nunes continuam sendo, de novo citando Brecht, imprescindíveis, na medida em que pelejam sempre, não fogem da luta e seguem, na academia e na vida, travando, sustentando posições claras que, afinal, é o que caracteriza os seres humanos ímpares, como o homenageado o é.

Era o que tinha a dizer, numa síntese que não faz jus, de todo, as qualidades do ilustre homenageado.

3 BRECHT, Bertolt. A ópera dos três vinténs. In: **Teatro completo** (3º volume). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, p. 65.

4 Acerca desse discurso Dworkin defendeu, recentemente, que Obama deveria ter a mesma atitude Roosevelt e enfrentar os cartéis, banqueiros e monopólios, responsáveis pela crise americana.

5 TORRES, Sérgio Rubens. In: www.horadopovo.com.br (edição nº 2987, 26.08.2011, p.3), de quem – através da leitura ora citada – tivemos acesso ao discurso supra-referido.

